

O OFÍCIO DA RENDA DE BILRO: memória e gênero

Alexandra Sablina do Nascimento Veras¹
alexandraed1@hotmail.com

RESUMO:

O presente estudo analisa as relações existentes entre memória e gênero, tomando como objeto de estudo o ofício da renda de bilro na localidade Morros da Mariana, no município de Ilha Grande- PI. Partimos do princípio que a memória, como reconstrução, constitui-se em um processo identitário socialmente construído que vai sendo ressignificado através das novas gerações. Tem-se como objetivo compreender como o ofício da renda de bilro, que outrora encontrava importante papel na vida social e pessoal das rendeiras da localidade, caracterizando-se como uma atividade complementar a educação feminina, foi se deslocando do espaço exclusivamente doméstico para o espaço público, tornando-se uma prática economicamente rentável. A pesquisa, ainda em andamento, conta com o suporte da história oral, onde através das representações nativas é possível compreender como memória e gênero se relacionam.

PALAVRAS – CHAVE: Memória; gênero; renda.

ABSTRACT:

This study analyzes the relationship between memory and gender, taking as its object of study the craft of bobbin lace in the town of Morros Mariana, in the municipality of Ilha Grande-PI. We assume that memory, as rebuilding, constitutes identity in a socially constructed process that is being reframed by new generations. Having as objective to understand how the craft of bobbin lace, which found important role in social and personal life of the artisans of the region which was characterized as a complementary activity to female education was shifting from domestic space to the public. Thus was becoming an economically profitable activity. The research, still in progress, has the support of oral history, where through the native representations can understand how memory and gender relate.

KEY - WORDS: Memory; gender; income.

Introdução

O presente trabalho investiga o ofício da renda de bilro exercido pelas mulheres da localidade Morros da Mariana, em Ilha Grande – PI. Interpretamos a continuidade deste

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira. Bolsista de Iniciação a Docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID.

ofício como uma forma de preservação da cultural material e imaterial e da memória das mulheres que exerceram ou ainda exercem tal atividade.

As artesãs da comunidade estudada foram ao longo de suas trajetórias de vida construindo uma relação de identidade e um sentimento de pertença atrelado à prática artesanal. Através de uma memória compartilhada por meio da troca de saberes e fazeres, elas reproduzem um conjunto de experiências heterogêneas.

Tal fato ficou notório no decorrer da pesquisa empírica quando percebemos a existência de um distanciamento entre artesãs mais experientes e jovens aprendizes ao que diz respeito aos valores e significados atribuídos à atividade. Para ambas, existe uma forte ligação da atividade com os fins econômicos, entretanto, para as rendeiras mais experientes, percebe-se a existência de um sentimento distinto.

A renda de bilro é uma atividade exclusivamente feminina que exige delicadeza, paciência, sensibilidade, qualidades historicamente atribuídas ao gênero feminino. Além disso, tal ofício caracterizava-se como uma prática complementar à formação educacional de parte significativa das mulheres do Morros da Mariana. Dessa forma, o ofício encontrava-se arraigado a condição natural feminina, representando importante papel na vida social e pessoal dessas mulheres.

O trabalho rendado caracterizava-se como uma obrigação doméstica como qualquer outra do cotidiano. Contudo, representava também, para os maridos das rendeiras, uma forma de garantir a permanência da esposa dentro de casa. Historicamente este contexto social contribuiu na legitimação dos papéis sociais que norteiam as relações entre homens e mulheres daquela localidade, colaborando na formação da identidade social marcada pela dominação masculina (BOURDIEU, 2012).

As relações de gênero resultam em um processo identitário que é historicamente construído. Tais fatos contribuíram na criação de uma identidade forjada que foi se estruturando com base em imagens estereotipadas. Essas imagens regulamentadoras, determinadas inicialmente pelas relações familiares, são interpretadas inconscientemente pelas próprias mulheres como algo natural. Nesse sentido, Bosi afirma que: “O estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode nos parecer um fato biológico” (BOSI, 2003, p. 117).

As identidades que foram sendo construídas ao longo das trajetórias de vida das rendeiras se encontram arraigadas sobre valores e costumes enraizados no mito da feminilidade, estabelecido através de um sistema de dominação social que remete a um

modelo de vida patriarcal tradicional, onde a mulher, por sua condição biológica, estaria submetida a um destino tradicionalmente construído, onde seus costumes e comportamentos estariam previamente determinados.

[...] a socialização da mulher para o trabalho e para a vida se faz no seio familiar. É pelas regras ditadas pelo comportamento das gerações mais velhas que se dá a formação das gerações mais novas [...]. (LIMA; FERREIRA, 2011, p. 14).

Diante deste cenário, buscamos compreender como o ofício da renda no Morros da Mariana, enquanto patrimônio cultural foi ressignificado através das gerações ocasionando um deslocamento das atividades antes exercidas no espaço exclusivamente doméstico para o espaço público, difundindo-se de uma tradicional tarefa doméstica para uma atividade economicamente rentável. Que impactos esta transformação trouxe para as relações de gênero historicamente constituídas naquela localidade?

A pesquisa de campo

Apesar do ofício da renda ter forte ligação com a vida cotidiana das mulheres do Morros da Mariana, é preciso salientar que as informações sobre as origens desta atividade naquela localidade são um tanto confusas, tanto para o pesquisador, como para as próprias rendeiras em decorrência da ausência de registros fidedignos.

Para suprir tais lacunas, lançamos mão da análise metodológica propiciada pela História Oral e pela Observação Participante. Dessa forma, foi possível através dos dados etnográficos do cotidiano das mulheres rendeiras, ter acesso as suas trajetórias de vida e as implicações dessas com as distintas realidades vivenciadas atualmente pelas rendeiras.

Ressaltamos que a adoção das fontes orais como técnica de abordagem empírica, não significa negligenciar as fontes escritas, mas compreendê-las como uma fonte subsidiária e integrante para a pesquisa histórica, onde é possível articular, de modo profícuo, fala e escrita.

A partir das interações entre o pesquisador e o nativo, pode-se identificar uma espécie de envolvimento e afinidade dos fatos e acontecimentos narrados pelo entrevistado com a visão e criticidade do historiador. Dessa forma, a utilização das fontes orais, enquanto técnica de pesquisa exige do pesquisador uma diligencia quanto às interpretações feitas a partir das representações dos entrevistados, uso e manuseio dos dados etnográficos.

Nesse sentido, é necessário que o pesquisador não se aproprie, através de seu conhecimento historiográfico, das representações dos nativos de forma a interpretá-las a partir de sua própria visão de mundo, do seu próprio olhar enquanto pesquisador. Conforme Ecléa Bosi, “Às vezes falta ao pesquisador maturidade afetiva ou mesmo formação histórica para compreender a maneira de ser do depoente. Somos, em geral, prisioneiros de nossas representações, mas somos também desafiados a transpor esse limite [...]” (BOSI, 2003, p. 61).

É relevante compreender que mesmo diante dessas ponderações, os dados etnográficos não devem ser interpretados como verdades absolutas por se tratar de representações, logo inseridas em quadro sociais, onde o passado aparece a partir de configurações, de estruturas que são criadas pelos próprios indivíduos, enquanto sujeitos históricos, portanto dotados de criticidade próprias (GEERTZ, 1989)

A arte de fazer renda em Morros da Mariana

A localidade Morros da Mariana pertence ao município de Ilha Grande, localizada a 337 km de Teresina, na região norte do estado do Piauí /Brasil.

O trabalho da renda de bilro tem nos últimos anos, principalmente em algumas épocas do ano, atraído muitos turistas para a região. A prática consiste em um trabalho manual de grande valorização em virtude da complexidade, qualidade e delicadeza do trabalho, sendo considerada atualmente uma das maiores fontes de renda das mulheres daquela localidade.

A renda de bilro, atividade muito difundida na região Nordeste, conhecida também como renda de almofada, foi trazida ao Brasil pelos portugueses e se transformou em característica marcante da indústria caseira no Brasil do século XIX. O trabalho consiste na confecção de uma renda fina e delicada, confeccionada em cima de um suporte de almofada rígida, contendo, sobreposta a essa, um pequeno apoio de papelão onde são inseridos alfinetes que direcionam os pontos que darão formato ao modelo da renda, locais por onde os fios de algodão serão manejados (LIMA; FERREIRA, 2011).

A trajetória dessa atividade artesanal na região do Morros da Mariana, ainda, apresenta-se de forma um tanto enigmática. Os depoimentos não informam quem foram às primeiras mulheres que trouxeram o ofício para a região e de que forma este ofício foi se desenvolvendo.

As narrativas, um tanto difusas e ausentes de determinações cronológicas precisas, informam que as rendas antigamente eram manufaturadas no espaço doméstico. Outras vezes, as mulheres e moças reuniam-se embaixo de árvores e alpendres, onde conversavam sobre os mais variados assuntos, em sua maioria de seus próprios problemas familiares. Confeccionavam toalhas, lenços, trajes de casamento, de batismo, dentre outros, que eram direcionados a decoração do próprio lar, para presentear parentes e amigos e algumas vezes, de forma muito dispersa e gradual, para a comercialização.

Os depoimentos narram que em conjunto com as obrigações domésticas a aprendizagem do trabalho rendado fazia parte da formação das meninas como donas de casa. Desta forma, a assimilação e aceitação deste ofício eram incorporadas sem muita dificuldade por se tratar de algo comum ao cotidiano das mulheres daquela localidade. Além disso, consistia em uma obrigação que as mães, avós, tias e demais parentes, assim também como amigas, tinham com as jovens desde muito cedo. Ainda muito jovens elas precisavam dividir seu tempo entre as tarefas domésticas, a renda, os estudos e as brincadeiras de criança.

[...] as meninas ajudam suas mães nas tarefas da casa e, nesse caso específico, dividem seu tempo entre o estudo, o lazer e a brincadeira de fazer renda, reservando-se aos integrantes do gênero masculino as atividades pesadas, como a pesca, a catação de caranguejo e a agricultura (LIMA; FERREIRA, 2011, p.14-15).

As mulheres, em sua grande maioria donas de casa, fatigadas do cotidiano doméstico, encontravam na renda uma distração, uma forma de não pensar na ausência do marido, enquanto este era tomado pelas suas atribuições sociais de homem, o trabalho em busca do sustento familiar. Portanto, o trabalho artesanal representava, além de uma atividade tradicional vinculada ao papel social da mulher, uma ocupação para o tempo ocioso.

Todavia, mais do que uma simples obrigação como qualquer outra do lar, as rendeiras, a partir da vivência que mantinham com outras rendeiras, também donas de casa ou jovens aprendizes, encontravam-se envolvidas através de laços de pertencimento, que abria espaço a um sentimento de natureza subjetiva capaz de mantê-las unidas. Embora, em determinados momentos, em decorrência das diferenças de idade, estado civil, ou qualquer outra circunstância, mantivessem interesses diferenciados em relação à importância do exercício e manutenção do costume.

Ao analisarmos as narrativas das rendeiras devemos levar em consideração que a memória, como reconstrução, nunca é igual a uma imagem do passado, ou seja, é impossível reconstruir dentro de contextos diferentes, de épocas e espaços distintos algo que já passou da

mesma forma que um dia foi. Segundo Marc Bloch, “[...] Cada época elenca novos temas que, no fundo, falam mais de suas próprias inquietações e convicções do que de tempos memoráveis” (BLOCH, 2001.p. 7).

Dessa forma, as memórias das artesãs constituem sempre dados que são incompletos, assim também como as identidades que vão sendo criadas e recriadas, isso porque encontram suas bases em um campo de subjetividade ampla, de múltiplas experiências que não se encontram paradas no tempo, que pensam, interpretam, agem de formas distintas, onde lembranças e esquecimentos são compartilhados de maneira desigual.

A memória coletiva atua como vetor do sentimento de pertença entre as mulheres artesãs, atuando como base para a construção e sustentação de uma identidade. Nesse sentido, Pollak compreende que a memória é:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1989, p.16).

As relações identitárias das mulheres artesãs, fortemente agregadas ao ofício da renda, enquanto fenômenos sociais que vão sendo construídos e modificados ao longo do relacionamento com o outro, algo resultante da natural transformação da própria sociedade e do cotidiano, relacionam-se diretamente com o que é lembrado e da identidade de quem possui e compartilha essas lembranças e de que forma esse indivíduo, enquanto ser individualizado e, ao mesmo tempo, coletivo, apropria-se e faz uso dessas memórias.

O patrimônio cultural como vetor do desenvolvimento econômico

Com o crescimento cada vez maior das fábricas de rendas de náilon e tecidos sintéticos desencadeou mudanças significativas no ofício da renda artesanal nas últimas décadas do século XX.

As rendas que eram manufaturadas no espaço familiar, comercializadas de forma gradativa e difusa, começaram a se deparar com uma fase de declínio frente à concorrência com a produção de rendas industriais cada vez mais presentes no comércio da região.

Consequente, a produção de rendas artesanais foi passando por um processo de adaptação em virtude das exigências do mercado, que fizeram com que o *locus* da atividade fosse se deslocando do espaço exclusivamente doméstico para o espaço público.

Com a nova fase econômica, a produção da renda de bilro foi deixando de ser voltada exclusivamente para as necessidades familiares como, por exemplo, a confecção de toalhas de mesa e outros ornamentos decorativos. Outros produtos começaram a direcionar o trabalho das renderias fazendo com que elas se voltassem para um mercado consumidor muito mais amplo, a moda feminina.

No ano de 1992, foi fundada a Associação das Rendeiras, entretanto sendo formalizada apenas em 1993 com o apoio do SEBRAE (Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas do Piauí). A associação foi criada para facilitar as vendas, pois a produção difusa dificultava o acesso do cliente ao produto, tornando a comercialização difícil.

Com a fundação da associação algumas mudanças na produção das rendas artesanais foram intensificadas. Os trabalhos menos elaborados ganharam mais espaço comercial em virtude de que as rendas mais sofisticadas demandam um tempo significativo na sua confecção, tornando-as economicamente inviável. Em decorrência dessas circunstâncias, os trabalhos mais elaborados foram perdendo espaço. Entretanto, existe ainda a possibilidade da confecção deste tipo de renda, mas, desde que possa ocorrer à divisão social do trabalho, tornando-o coletivo ou quando o valor oferecido pelo trabalho é economicamente viável. Segundo a narrativa de uma das rendeiras entrevistadas:

Se você me pedisse pra fazer um metro dessa renda aqui, eu ia dizer que não ia fazer. Por que eu ia cobrar quanto? Mil reais a pessoa não ia querer pagar. [...] agora tem aqueles trabalhos que dá pra cada uma fazer uma parte. Ai o trabalho sendo distribuindo dessa forma todo mundo pode ganhar dinheiro, ai compensa.

Em sua maioria, os modelos de rendas que são confeccionados atualmente consistem na reprodução de amostras já existentes, muitas das quais as próprias rendeiras desconhecem as origens. Vários modelos foram caindo no desuso e, conseqüentemente no esquecimento, um processo caracterizado não apenas pela complexidade e exorbitante valorização comercial, mas de algo muito mais amplo que se relaciona diretamente com a memória.

Como argumenta Pollak: a memória pode ser classificada como seletiva, pois nem tudo de fato fica registrado. Ela acaba por sofrer algumas alterações que ocorrem como consequência do momento em que ela esta sendo articulada. Com isso pode-se dizer que a memória é construída, podendo ser essa construção consciente ou não (POLLAK, 1992).

Diante da identificação dessas transformações, podemos perceber que esse *métier*, enquanto patrimônio cultural foi tomando a posição de vetor do desenvolvimento econômico,

tornando-se significativamente relevante para o desenvolvimento turístico da região, conseqüentemente, alterando as relações sociais existentes. Todavia, apesar dos fins financeiros condicionarem o trabalho das rendeiras, foi possível identificar uma espécie de resistência, por parte das artesãs, em associar a atividade aos fins exclusivamente econômicos.

O fato do ofício, atualmente, representar uma importante fonte de renda para as mulheres da região não significa negligenciar os valores e significados dessa atividade enquanto patrimônio cultural, enquanto saberes e fazeres carregados de historicidade, de memórias. Em cada contexto social o indivíduo tem a sua forma de enxergar, de lidar com a sua cultura, representar e fazer uso das suas memórias, adaptando-as as suas necessidades.

A memória como reprodutora de estereótipos

Memória e indivíduo constituem-se em dois substratos distintos que condicionam as diferentes realidades vivenciadas por cada pessoa que compõe um determinado grupo. O que é lembrado está em constante manipulação de quem o lembra, sendo a interpretação dos acontecimentos determinada pela cultura deste, onde sua trajetória vivida é incorporada e tomada pela estereotipia. (BOSI, 2003). O contexto social atua como vetor do desenvolvimento das capacidades desse indivíduo pensar e relacionar-se.

Conforme Maurice Halbwachs (2012), é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza a essa reconstrução que chamamos memória. Para o autor, a memória não seria uma mera reprodução do passado, o que ocorre é a articulação a partir de experiências coletivas que irão à busca de reconstruir esse passado por meio dessas experiências.

A arte de fazer renda, como a continuidade de uma tradição que evoca o passado de muitas mulheres do Morros da Mariana, constituindo em um processo de rememoração, não consiste em reviver o que já passou, mas sim refazê-lo, este se articula e se adapta ao presente através dos olhos de quem recorda. Conseqüente, o indivíduo, mesmo de forma inconsciente, condiciona-se a interpretar o passado através da concepção do seu presente, de sua visão de mundo, reproduzindo a partir de suas próprias memórias estereótipos que atuam na idealização e reconstrução de um passado (BLOCH, 2001).

A interpretação que as artesãs fazem sobre seu presente esta relacionada com as suas trajetórias de vida, contribuindo significativamente na criação de uma identidade dentro de uma realidade histórico-social específica.

Apesar das representações transmitirem a ideia da existência de dois polos antagônicos (passado/presente), de fato eles não existem, pois se fundem e se completam, ou seja, não é o passado e nem o presente, e sim marcas de histórias vividas que compactuam para a compreensão e problematização da atualidade (BLOCH, 2001).

A relação entre memória e identidade é um tanto desafiadora, no sentido de que a memória gestada durante o processo de socialização dos indivíduos é interpretada inconscientemente pelos próprios indivíduos como uma invariante cultural. Mesmo vivenciando transformações durante sua trajetória de vida, o indivíduo, como membro de um grupo social, que compartilha, não somente de memórias sociais, mas também familiares e pessoais, não consegue se libertar completamente dos significados e valores que ele mesmo atribui a sua história vivida (CANDAUI, 2001).

A rendeira em seu meio social de ensino e aprendizagem, guiada pelos caminhos familiares, não consegue se libertar completamente dos princípios e significados que ela própria atribui ao seu trabalho.

Mesmo diante do crescente vínculo econômico que o ofício das artesãs passou a ter nas últimas décadas, pode-se identificar no discurso das artesãs mais experientes a existência de uma espécie de veneração a um período em que a renda de bilro tinha vínculos estritamente domésticos. Entusiasmada, uma das entrevistadas argumentou:

Teve uma menina que eu ensinei pra ela porque ela queria aprender, isso faz muito tempo, não me lembro quando foi. Eu ensinei pra ela um ponto chamado traça. Nossa mais demorou muito tempo pra ela aprender. Quando ela conseguiu fazer só um ponto, nossa essa menina começou a chorar. Eu nunca pensei que alguém teria tanta vontade de fazer algo assim. [...] a gente queria mostrar que sabia fazer. [...] hoje querem saber é do celular é da internet [...].

Identifica-se também a existência de um distanciamento entre jovens e as artesãs mais experientes. Um dado que evidencia esse fenômeno é o fato de que as próprias rendeiras, em sua maioria senhoras, que tem uma visão arraigada em estereótipos de suas próprias memórias, exercem sobre as rendeiras mais jovens um olhar um tanto maniqueísta. A relevância do cotidiano familiar, a importância e cuidados com o lar são valores que pertencem quase que exclusivamente a memória e ao dia-a-dia das artesãs mais velhas.

As rendeiras relatam, de forma um tanto cruciante, que as moças de hoje em dia, instigadas pela industrial cultural, não possuem mais os mesmos valores sociais e culturais de outrora, que não possuem interesse em dar continuidade às práticas artesanais, sendo portadores de condutas que muitas vezes fogem dos padrões sociais comportamentais que

qualquer mulher deveria dispor e buscar venerar. De forma inconsciente ou não o indivíduo, enquanto ser dotado de historicidade, de sociabilidade, reproduz os estereótipos do outro. Luta não só contra o preconceito deste, mas contra os seus próprios.

Uma parcela significativa das jovens do Morros das Mariana não exercem tal ofício, mesmo a atividade sendo tão corriqueira ao cotidiano local. Elas não se sentem encorajadas em dar continuidade à prática, reproduzindo uma visão estereotipada de que a renda de bilro é um saber que pertence aos mais antigos. Entretanto, não é somente por se tratar de “coisa de gente antiga” que faz com que o ofício da renda venha encontrando dificuldades de continuidade a partir do aprendizado das novas gerações.

As mulheres, que muito tempo ocuparam as camadas marginalizadas da sociedade, invisíveis diante do conhecimento histórico, dotadas como substratos previamente estabelecidos pelo seu meio social, foram adquirindo gradativamente uma nova consciência de si enquanto sujeito histórico – social. Sentindo-se de certa forma eximidas dos protótipos regulamentadores da sociedade.

Em decorrência das transfigurações ocorridas no século XX que foram dando mais visibilidade às mulheres, sentem-se elas de certa forma impulsionadas a forjar uma identidade nova. Essa identidade, por vezes fragmentada, é resultado de um longo processo de limitações, constrangimentos e frustrações que as mulheres, por sua natureza feminina, vêm enfrentando no decorrer de longos e distintos períodos históricos (BEAUVOIR, 2009).

O ofício da renda por muito tempo foi associado à estrutura familiar como um tipo de atividade complementar a educação feminina das mulheres do Morros da Mariana. Contudo, atualmente não é mais uma simples obrigação doméstica, mas sim, uma fonte de significativa importância econômica que contribuí para a independência financeira dessas mulheres. Nas palavras da presidente da Associação das Rendeiras: “Hoje a gente trabalha pra ganhar dinheiro, antigamente acho que não era”.

No entanto, apesar de os aspectos econômicos condicionarem o trabalho das rendeiras, elas não hesitam em afirmar que é impossível manter-se apenas do trabalho com a renda, pois, é uma atividade economicamente viável, entretanto, a demora na obtenção do trabalho final torna o trabalho, sozinho, inexecutável.

As artesãs ainda não adquiriram por meio do seu trabalho uma independência total, mantendo, ainda, com seus cônjuges uma relação de subordinação que as mantém na posição de mulheres ajudadas, encontrando na renda do marido um auxílio indispensável. Todavia, não é apenas esse relacionamento mútuo de ajuda que caracteriza sua dependência.

As mulheres, ausentando-se do espaço doméstico, exercendo o ofício do trabalho remunerado, nem por isso se evadem completamente do mundo feminino tradicional (BEAUVOIR, 2009).

Ainda que a prática artesanal representasse em seu sentido pleno a independência econômica dessas mulheres, não se pode afirmar que estas estariam libertas do corpo social que integram. Os costumes femininos culturalmente determinados tornam a independência difícil. A própria mulher em decorrência da sua socialização reconhece sua passividade.

A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à dele. A maneira por que se empenha em sua profissão e a ela se dedica depende do contexto constituído pela forma global de sua vida (BEAUVOIR, 2009, p. 881).

A consciência que a mulher tem de si mesma, embora diante de tantas transfigurações, não é caracterizada apenas pelas suas conquistas, liberdades e desejos, mas por quem determina e forja a sua identidade. Dessa forma, algumas mulheres continuam presas às determinações do contexto social em que estão inseridas.

Uma parte delas mantém esses laços fortes, porém, a outra, estreitos e frágeis. Ambas, dentro dos limites de sua cultura e de seu tempo, mantendo-os diante de um meio social que exerce forte influência sobre o seu caráter, as suas virtudes e as suas fraquezas.

Considerações finais

O ofício da renda de bilro exercido pelas mulheres dos Morros da Mariana, no município de Ilha Grande - PI, como um patrimônio material, é constituído de elementos comportamentais e simbólicos que vem sendo historicamente representados e ressignificados através da memória social. Tais elementos atuam de forma significativa no processo de construção da identidade cultural, servindo de estrutura e baliza para a materialização das relações identitárias.

Através do levantamento e interpretação dos dados colhidos *in loco*, podemos começar a compreender as relações entre as memórias das rendeiras e os saberes e fazeres locais, analisando como a prática artesanal foi gradativamente deixando de caracterizar-se como uma simples, por vezes monótona, atividade do dia-a-dia e foi se tornando uma importante fonte de renda de parte significativa das mulheres em Morros da Mariana.

Identificamos por meio da pesquisa que a atividade artesanal ainda mantém parte das artesãs conectadas simbolicamente com a estrutura familiar. Entretanto, devemos salientar que as memórias e representações, como construções que vão sendo socialmente

apropriadas, mesmo que em alguns casos específicos pareçam ser exclusivamente individuais, são peças de um contexto social, onde as lembranças e esquecimentos se perpetuam de maneira desigual (HALBWACHS, 2012).

Nesse contexto, os sentimentos envolvidos, os significados e valores que cada rendeira atribui ao seu trabalho não consistem em algo homogêneo, eles mudam conforme o contexto que se toma como referência. Todavia, mesmo inseridos em um mesmo contexto histórico, em um mesmo espaço social, as pessoas possuem concepções e interesses diferenciados. Portanto, há certos casos em que o outro, dentro ou fora do grupo, encontra-se bem menos envolvido, partilhando de sentimentos que são desiguais.

Percebemos que o ofício da renda de bilro na localidade investigada vem encontrando dificuldades de continuação pelas novas gerações, correndo o risco de cair no esquecimento. Contudo, temos que reconhecer que essas mulheres que antigamente se reuniam embaixo de árvores e alpendres e dedicavam grande parte do seu trabalho exclusivamente para a família, agora, debruçam-se sobre seus saberes e fazeres para suas próprias satisfações pessoais, que já não são mais as mesmas de outrora. Encontram em seus talentos autonomia social e econômica.

Referências

ARAÚJO, Charlene dos Santos. **História das Mulheres ou História do Gênero Feminino?** Um debate historiográfico. Parnaíba. UESPI, 2010.

BARROS, K.S.; COSTA, R.F.C.; SALDANHA, M.C.W. **Inserção do Design na Renda de Bilro na Vila de Ponta Negra:** Instrumento e Inclusão Social, Preservação Cultural e Turismo Sustentável. Natal 2006. Disponível em: <http://www.ivtrj.net/sapis/2006/pdf/KleberBarros.pdf>. Acesso em: 03 de Junho, 2014.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo;** tradução Sérgio Milliet. – 2. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história:** ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu, PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2012.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LIMA, Ricardo Gomes, FERREIRA, Tatiana de Sá Freire. **Morros da Mariana: um espaço rendado**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. **“História oral como gênero”**, Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n 22 (História e oralidade), São Paulo: EDUC, 2001.